

JOVENS DA COMUNIDADE REMANESCENTE QUILOMBOLA DA COLÔNIA SUTIL E SUAS PERSPECTIVAS EXTERNAS

Merylin Ricieli dos Santos¹

Resumo: O presente trabalho é resultado de uma pesquisa realizada na comunidade quilombola da colônia Sutil (Ponta Grossa-PR) acerca dos jovens que residem neste local, através do projeto de extensão “Voz Ativa”. A pesquisa teve três objetivos: 1º Entender como é vista pelo jovens a questão da Identidade negra/identidade quilombola; 2º Verificar se os jovens negros querem ou não deixar a comunidade; e 3º Analisar a situação dos jovens negros nos ambientes externos a sua comunidade. Os referenciais teóricos utilizados para a problematização deste estudo correspondem a Dayrell (2002, 2003), Bento & Beghi (2005), Gomes (2005) e Hall (2008). O corpus utilizado para análise desta produção foram questionários mistos respondidos pelo público alvo, bem como um diário de campo, objeto este que conta com registros significativos sobre o perfil de cada jovem que participou do projeto. Com a realização desta pesquisa foi possível compreender que os jovens entrevistados se veem como negros pertencentes a uma comunidade remanescente quilombola, mas não como quilombola. Percebemos que a vontade de deixar a comunidade é mais comum nas idades mais avançadas e a evasão se concretiza com o atingir da maioridade. Em relação à situação dos jovens negros e negras nos ambientes externos a sua comunidade, concluímos que há um choque social que norteia a vida diária desses sujeitos. Percebemos, ainda, que o projeto de extensão “Voz Ativa” conseguiu atingir seu objetivo ao possibilitar que os participantes do projeto na Colônia Sutil refletissem sobre a (re) construção de identidade quilombola.

Palavras-chave: Colônia Sutil. Jovens. Negros e negras. Evasão da comunidade.

INTRODUÇÃO

Ponta Grossa é uma cidade que atualmente possui 344.332 habitantes (IBGE, 2017). Localizada no segundo planalto do estado do Paraná conta com uma população bastante diversificada e os últimos dados do IBGE trazem a informação de que mais de 20% da população se autodeclara negra.

¹ Mestre em linguagem, identidade e subjetividade (UEPG). Integrante do Núcleo de Relações Étnico Raciais Gênero e Sexualidade (NUREGS-UEPG), pesquisadora associada ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB- UDESC). merylinricisantos@gmail.com

O município em questão conta com instituições e monumentos que fazem referência a determinados grupos étnicos que contribuíram para sua formação, no entanto, nada que evidencie os afrodescendentes. Pode se dizer que de acordo com o discurso local a população negra não está inserida nos processos de construção da cidade, tampouco na memória coletiva do município.

[...] a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. (HALBWACHS, 2006, p.69)

Alguns afrodescendentes pontagrossenses se encontram imersos em um processo de dominação étnico cultural que constitui a cidade; outros, eventualmente, se reúnem em episódios sociais de um Clube negro – o Treze de Maio. Além destes, o município conta outro território negro formado por populações de origem africana (Raske, 2015 *apud* Cardoso e Mortari, 1999) frutos da marca indelével do período escravista, intitulado comunidade remanescente quilombola da colônia Sutil, espaço de vivência dos sujeitos desta pesquisa.

O presente artigo é embasado nas ações realizadas pelo projeto de extensão intitulado “Voz Ativa”²: juventude, cidadania e práticas culturais na Comunidade Sutil; do qual alguns resultados são trazidos nesta pesquisa, a fim de proporcionar um maior entendimento dos motivos que levam os jovens da comunidade remanescente quilombola a deixarem suas residências e a buscarem novos vínculos sociais e profissionais fora da comunidade.

Tal pesquisa foi elaborada com o intuito de proporcionar resultados empíricos em relação aos jovens pertencentes à Colônia Sutil. Para que, com base nesses resultados, possam ser desenvolvidas atividades e projetos que estejam voltados para uma diminuição da evasão dos jovens da comunidade e fortalecimento de suas múltiplas identidades. Busca-se, ainda, compreender, bem como problematizar a valorização e a fixação das identidades quilombolas. A questão primordial aqui analisada não é o ser quilombola, mas ser **jovem** remanescente quilombola.

² O projeto “Voz Ativa” teve o apoio do programa Universidade Sem Fronteiras (USF-PR) e fora financiado pela Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI). Contou com um grupo de oito pessoas e esteve sob orientação das professoras Aparecida de Jesus Ferreira (UEPG) e Ione da Silva Jovino (UEPG).

Do ponto de vista introdutório, julgamos necessário fazer um breve apontamento teórico acerca de alguns conceitos que definem e caracterizam a juventude.

A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona. Assim, os jovens pesquisados constroem determinados modos de ser jovem que apresentam especificidades [...] (DAYRELL, 2003 p.3).

Em suas definições, Dayrell (2003) utiliza a ideia de “condição juvenil”, também, empregada por Peralva (1997), quando define a juventude como uma condição social e uma forma de representação. A juventude pode ser compreendida por uma determinada passagem da vida de todos os adolescentes e será vivenciada de acordo com a condição sociocultural de cada indivíduo.

No anseio de compreender a questão atrelada à juventude na comunidade analisada, este artigo se divide em quatro seções. Na primeira seção, apresentamos um breve histórico da Colônia Sutil e os conceitos acerca de juventude e de identidade negra, baseados nos aportes teóricos de Dayrell (2002, 2003), de Bento & Beghi (2005), de Gomes (2005) e de Hall (2008). Na segunda seção, apresentamos o *corpus*, a metodologia de geração de dados e o formato do trabalho desenvolvido. Na terceira seção, trazemos a discussão e a análise dos dados gerados. E, finalmente, na quarta e última seção, as considerações finais, respondemos as perguntas de pesquisa e ainda apresentamos sugestões para pesquisas futuras.

HISTÓRICO DA COLÔNIA SUTIL

Para compreender a extensão do espaço aqui tratado é importante pensar que a colônia Sutil estava inserida na fazenda Santa Cruz e contava com uma área de aproximadamente 13.000 hectares e foi fruto de uma doação da proprietária Maria Clara do Nascimento aos seus escravos libertos (HARTUNG, 2005, p.152-153). Situada em uma área rural do município de Ponta Grossa. Tal território tem uma história muito interessante; porém, são poucas as produções historiográficas que tratam de sua existência. A colônia possui mais de 100 moradores, distribuídos em poucas famílias. Há uma quantidade importante de crianças e

jovens que residem no local, entretanto é comum muitos conviverem com o desejo de deixá-la.

Atualmente a comunidade conta com um número modesto de moradores, os quais, alguns deles, apresentam uma resistência em relação a contatos com pesquisadores, que os procuram frequentemente; talvez isso justifique a pouca produção histórica sobre a comunidade. Em relação à localização, segundo Sahr & Tomasi (2012, p.111) situa-se no distrito de Guaragi, área rural do município de Ponta Grossa, na margem direita da PR-151 (Ponta Grossa - Palmeira), mais especificamente no km 15.

Após apresentar a comunidade, faz-se necessário expor o modo o qual ocorreu o contato com os jovens desta. A Universidade Estadual de Ponta Grossa possui um núcleo de relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade (NUREGS) e este desenvolveu o projeto “Voz Ativa”, destinado aos jovens da colônia Sutil. A iniciativa teve o apoio do programa Universidade Sem Fronteiras, em parceria com a Secretaria de Ciência e Tecnologia (SETI). As atividades ocorreram na comunidade aos sábados, e foram concluídas no ano de 2014. As ações eram culturais, sociais e educacionais, com o escopo de colaborar para uma valorização identitária dos remanescentes quilombolas e fornecer a eles auxílio escolar quando necessário.

OS JOVENS DA COLÔNIA SUTIL E AS IDENTIDADES NEGRAS

A comunidade em questão conta com jovens de diferentes idades e que se relacionam entre si, com laços de parentesco, por meio da criação ou da convivência rotineira. Tais sujeitos apresentam características muito marcantes e subjetivas, desde o modo como se veem até suas perspectivas acerca do futuro. É comum pensar uma comunidade Quilombola como algo isolado, homogêneo e diferente da realidade social urbana, principalmente se forem rurais, porém, tais aspectos não são os únicos que definem as identidades dos sujeitos desta pesquisa.

O presente artigo é norteado pela questão da juventude e conta com o aporte teórico de Juarez Dayrell, pois para esse autor “Os jovens pesquisados constroem determinados modos de ser jovem que apresentam especificidades, o que não significa, porém, que haja um único modo de ser jovem nas camadas populares” (DAYRELL, 2003, p.3). Nesse sentido, os jovens inseridos no processo social aqui analisado são sujeitos de suas escolhas, compostos por

características únicas que os definem como indivíduos construídos na diversidade e heterogeneidade.

Não há como problematizar as juventudes negras sem compreender o contexto histórico e social dos jovens negros no Brasil, deste modo,

[...] quando analisados os dados referentes a condições de vida dos jovens negros, não se pode deixar de enfrentar a questão que se explicita: o amplo e diversificado leque de manifestações da discriminação racial que os atinge. De um lado, constata-se um ambiente escolar pouco hospitaleiro para os negros, que engendra a evasão ou torna a trajetória educacional mais acidentada; de outro, a grande dificuldade de inserção qualificada no mercado de trabalho. (BENTO; BEGHIN, 2005 p.195)

Em relação aos jovens negros e pertencentes à colônia Sutil, a percepção acerca do racismo e da discriminação racial é legitimada fora da comunidade e o ambiente escolar também é agente neste processo. Por vezes a Escola, bem como outras esferas, servem como pano de fundo para o fortalecimento de atitudes discriminatórias e segregadoras contra os alunos negros. Segundo Gomes (2005), a denominação para esses atos vinculados a discriminação racial é caracterizada como racismo institucional, compreendido por práticas que “Se manifestam sob a forma de isolamento dos negros em determinados bairros, escolas, e empregos” (GOMES, 2005, p.53) ou ainda práticas que naturalizam a condição dos indivíduos negros na atualidade, ignorando a real contribuição destes sujeitos para construção do país.

Considerando os desdobramentos e as consequências do racismo, a condição do jovem negro na sociedade e o histórico do Brasil, compreende-se o quão difícil é construir uma identidade negra positiva.

A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmo, a partir da relação com o outro (GOMES, 2005, p.43).

As identidades negras são plurais e historicamente situadas. Marcadas por uma série de especificidades, aceitação e negação que permeiam tal construção. Entender tal processo é crucial para que possamos compreender os motivos que levam os sujeitos desta pesquisa a conviverem com o desejo de deixar sua comunidade, até por que “Construir uma identidade

negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina os negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as) (GOMES, 2005, p.43).” Realidade que faz parte da vida de cada jovem morador da colônia Sutil.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a realização desta pesquisa é quantitativa e qualitativa. Fora pensada para além da aplicação dos questionários; e como forma de amparo a pesquisa de laboratório esteve presente desde o início da investigação. Em relação à pesquisa de laboratório, esta foi uma metodologia significativa para a análise, pois é composta pela técnica da observação, a qual Marconi (1990) afirma “Que não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar” (p.79), ação que fez parte de todas as atividades do projeto “voz Ativa”.

Segundo Gatti (2004), a pesquisa quantitativa e suas questões metodológicas no âmbito educacional não são objetos de estudos muito utilizados no Brasil há mais de duas décadas e isso dificulta não só os novos estudos fundamentados nessas técnicas como também “O uso desses instrumentais analíticos de modo mais consistente [...] dificulta ainda a construção de uma perspectiva consistente face aos limites desses métodos” (Gatti, 2004, p. 4).

Ainda com base em Gatti (2004, p. 4) pode-se compreender que as pesquisas quantitativas nos fornecem recursos e não verdades. As pesquisas nos oferecem possibilidades de compreender parte da realidade do grupo/indivíduo entrevistado ou analisado, a fim de propor considerações. Com base nesta perspectiva, elaboramos um questionário compostos por 14 questões distribuídas em duas páginas. As questões foram breves, algumas categóricas, umas descritivas e outras objetivas. O projeto piloto foi aplicado para uma amostra de 24 alunos, que têm idades similares aos jovens da colônia Sutil.

Em um primeiro momento, a aplicação dos questionários ocorreu numa escola de periferia na cidade de Castro, município vizinho a Ponta Grossa, a fim de analisar se as perguntas estavam compreensíveis e se as respostas poderiam ser analisadas na geração de dados futuros, como uma espécie de questionário piloto. Após a análise das respostas

descritivas, providenciamos a impressão de mais vinte questionários destinados exclusivamente aos jovens moradores da comunidade remanescente quilombola da colônia Sutil e durante um encontro de realização da atividade do projeto “Voz Ativa” estes questionários foram aplicados.

A análise dos dados fora realizada através da leitura e reflexão das respostas registradas, tal processo visava entender se há evasão dos jovens da comunidade, caso a resposta fosse positiva, investigaríamos o motivo da evasão. As problematizações das respostas contidas nos questionários foram complementadas com os escritos registrados em um diário de campo.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Foi analisado quatorze questionários, a pequena amostragem está relacionada a algumas condições adversas, pois o dia da coleta dos dados foi no período das férias e nem todos os participantes do projeto estavam na comunidade. Os dados coletados contavam com oito jovens com idades entre quatorze e dezessete anos. Já entre dez e treze anos, contamos mais quatro jovens. Há também mais duas crianças menores de dez anos. A maioria era do sexo feminino, totalizando oito. Os jovens pertencentes ao sexo masculino eram seis.

Em relação à escolaridade, dos quatorze jovens participantes da pesquisa, treze encontram-se devidamente matriculados e uma criança menor de dez anos não está matriculada. A maioria deles estudam na mesma escola, totalizando dez. Há também dois jovens que estudam em uma segunda instituição de ensino. E uma jovem que está matriculada em uma terceira instituição, mais distante da comunidade. O contato com os jovens da comunidade foi crucial para entender as suas vivências e as suas especificidades. Compreendemos que as observações de um lugar externo poderiam comprometer nossas análises, então decidimos desenvolver uma pesquisa dentro do contexto em que tais jovens estavam inseridos e o projeto nos proporcionou um contato direto com estes sujeitos, pois além das atividades realizadas junto a eles, buscamos uma investigação interativa.

Os procedimentos metodológicos se referem ao o trabalho de campo, à aplicação de questionários, às anotações no diário de bordo e a observação participante. Em pesquisa desenvolvida por Gomes (2004) em contexto similar, sobre uma pesquisa de caráter etnográfico, a autora demonstra que “[...] Nesse contexto, a observação participante, o

trabalho de campo, a realização de entrevistas, as anotações no diário de campo e o trabalho com a história de vida constituem-se os procedimentos metodológicos privilegiados” (GOMES, 2004, p. 3).

O diário de campo contribuiu para compreender determinadas questões acerca dos jovens entrevistados, através dele conseguimos perceber as causas que os levam a estudarem em determinadas instituições. Segundo seus relatos, há certa “comodidade” na escolha por uma escola próxima a comunidade. O resultado da pesquisa considerou ainda o diálogo com estes sujeitos; pois pudemos conhecê-los individualmente, suas experiências e perspectivas; em pesquisas de Dias e Rezende (2010) também se pode observar a importância do diálogo. As autoras utilizam situações de diálogos entre jovens alunos como “[...] uma estratégia metodológica, que proporcionou a captura de percepções dos sujeitos sobre suas expectativas, sonhos, planos e projetos futuros” (DIAS e REZENDE, 2010, p.42).

Os temas gerados a partir dos dados são analisados na sequência: identidade negra, ou identidade quilombola; os jovens negros da Comunidade Sutil e suas perspectivas; e Experiências dos jovens da colônia Sutil nos ambientes externos a sua comunidade.

IDENTIDADE NEGRA OU IDENTIDADE QUILOMBOLA: UMA QUESTÃO DE PERTENCIMENTO

Outra questão percebível sobre a opção escolar é a noção de pertencimento, que esteve presente em determinadas falas.

- Eu gosto de estudar na escola F por que todos os meus amigos estudam lá (Maria³, questionário 04, Janeiro 2014).

- A escola F é mais perto da minha casa (Joana, questionário 05, Janeiro 2014).

- Todo mundo aqui estuda na escola F. (Guilherme, questionário 09, Janeiro 2014).

Os jovens verbalizavam constantemente que gostavam de estudar na escola mais citada, pois a maioria de seus amigos e de seus parentes está matriculada na mesma instituição e isto se relaciona com a colocação de Santos (1999) quando expõe que “o sentimento de

³ Os nomes aqui remetidos são fictícios, para preservar a identidade dos entrevistados.

pertencimento a um determinado lugar constrói uma introspecção de valores que condiciona o modo de vida dos indivíduos” (p.65).

Considerando que de quatorze entrevistados, doze eram negros e pertencentes a uma comunidade remanescente quilombola situada na zona rural do município, pode-se dizer que esses jovens estão à margem de comentários e de estigmas que os acompanham e os rotulam frequentemente e o sentir-se pertencente de certo modo os “conforta”.

Segundo o relato de um jovem negro de dezesseis anos, os colegas de escola o viam como “o diferente”, pois apresentavam constantemente uma curiosidade acerca de sua vida e rotina na comunidade. Em uma conversa informal, perguntamos de que forma as pessoas o viam, e, então, o jovem respondeu:

- Ah! Eles sempre perguntam como é aqui, se tem muito mato, animais e o que a gente faz aqui. Às vezes fazem algumas brincadeiras sobre a comunidade, mas eu não ligo (George, diário de campo, Outubro 2013).

Essa fala pode ser interpretada como uma dificuldade em assimilar o cotidiano do outro. A distância entre curiosidades e pré-conceitos aparece muito pequena neste discurso estereotipado sobre a comunidade aqui tratada. Isso afeta o modo de sentir dos sujeitos que residem no local e talvez o fato de estarem próximos um dos outros – mesma sala ou escola – possa ser interpretado como uma forma de se identificarem e de certa maneira se sentirem mais à vontade em um espaço social que é dominado por ideologias brancas.

A escola é uma instituição que em determinados casos legitima a discriminação racial e reproduz atitudes preconceituosas acerca dos indivíduos negros que a frequentam. Para Gomes (2005) “A forma institucional do racismo, ainda segundo os autores supracitados, implica práticas discriminatórias sistemáticas fomentadas pelo Estado ou com o seu apoio indireto” (p.53). A autora explana que: “Estas práticas racistas manifestam-se, também, nos livros didáticos tanto na presença de personagens negros com imagens deturpadas e estereotipadas quanto na ausência da história positiva do povo negro no Brasil” (GOMES, 2005, p.53).

E de volta à análise dos dados, o questionário era composto por quatorze questões, sendo oito sobre a comunidade. As respostas foram curtas, objetivas e se resumiram nos seguintes dados quantitativos: todos gostam do lugar onde vivem e a metade deles gostaria de morar em outro lugar. E dos quatorze jovens que responderam, cinco afirmaram com

precisão que no futuro pretendem deixar sua comunidade, isso corresponde a 35,7 % dos entrevistados. Destes, três estão na faixa etária de quatorze a dezessete anos, o que nos fez pensar no fator idade, atrelado talvez a novas experiências e/ou oportunidades de emprego.

Nas respostas descritivas predominaram as afirmações referentes à ausência de vontade em deixar o lugar onde vivem pelo fato de estarem seguros da criminalidade e próximos aos parentes. Essa informação vincula-se às questões de pertencimento social e fatores identitários. Pois, “Quanto mais profundamente se está dentro de um lugar mais forte a identidade com ele” (FERREIRA, 2002, p. 48).

Outra questão registrada no diário de campo refere-se aos jovens que trabalham fora da comunidade e que já tentaram a vida em outras cidades, mas retornaram ao seu local de origem, pois afirmaram que ali se encontram seus familiares e amigos. Em meio a testemunhos desses jovens destacamos o relato de uma moradora, que após ter deixado a sua comunidade por um longo período para viver na capital do estado, retorna para a colônia por questões pessoais.

A mesma jovem expôs que há uma quantidade grande de amigos e primos que deixaram a comunidade em busca de trabalho e de independência, pois quando conseguem estabilidade, devido à distância e à dificuldade de deslocamento presente na colônia, passam a morar próximo aos locais em que trabalham, em meio urbano.

O próximo aspecto discutido refere-se à identificação racial dos jovens respondentes e os questionários mostram doze se identificam como negro e dois como indígena.

A questão da identidade negra pôde ser observada na autodeclaração dos jovens e nos seus testemunhos verbais, que serão abordados no terceiro tema. Já em relação à identidade quilombola eles compreendem o sentido deste signo para suas famílias e para seus amigos próximos; no entanto, se afirmam descendentes de quilombolas e não como jovens quilombolas.

A questão sobre o que respondem quando perguntam do histórico da comunidade eles colocam que são negros e moradores da colônia Sutil, a palavra quilombola não aparece em seus enunciados.

- Eu falo para as pessoas que moro aqui, elas sempre comentam que não sabem onde fica e quando falam de quilombo, poucos sabem que aqui já foi um. (Flávia, questionário 06, Janeiro 2014)

- Quando perguntam onde eu moro, eu digo que é no Sutil. (Rodrigo, questionário 06, Janeiro 2014)

- Aqui é uma comunidade, antes tinha quilombo e a gente sabe, mas hoje é diferente. (Paula, questionário 04, Janeiro 2014)

Tais discursos evidenciam que algumas pessoas não têm conhecimento do histórico da comunidade em questão. Considerando as experiências e os contatos com os jovens durante o período do projeto, pudemos compreender que eles reconhecem suas heranças quilombolas, porém, não se apropriaram desta identificação enquanto modo de ser.

OS JOVENS NEGROS DA COMUNIDADE SUTIL E SUAS PERSPECTIVAS:

Tal tema estava posto nos questionários em forma de uma pergunta relacionada à profissão desejada pelos respondentes. As respostas eram variadas, desde agrônomo até cientista, e, com isso, foi possível compreender que os jovens representados neste trabalho possuem perspectivas distintas em relação à profissão e embora morem próximos uns dos outros, estudem na mesma sala ou escola e apresentem características fenotípicas semelhantes, eles são compostos por diferenças, que os valorizam enquanto sujeitos e talvez isto justifique o fato que nem todos querem deixar sua comunidade.

EXPERIÊNCIAS DOS JOVENS DA COLÔNIA SUTIL NOS AMBIENTES EXTERNOS A SUA COMUNIDADE

A comunidade problematizada localiza-se em uma região afastada do centro da cidade de Ponta Grossa, isto justifica o pouco acesso que os jovens têm aos ambientes urbanos. Os contatos mais frequentes dos jovens da colônia Sutil com pessoas que estão fora de seus círculos de convivências ocorrem em ambiente escolar e em festividades realizadas nas proximidades da comunidade, no entorno desta.

As experiências vivenciadas no ambiente escolar muitas vezes são consideradas como necessárias para dar continuidade aos estudos, mas como uma forma de sociabilidade limitada, pois os respondentes afirmaram que na escola mantêm-se próximos aos amigos e aos parentes.

- A gente vai junto pra escola e estudamos na mesma sala, então ficamos juntas no recreio também. (Joana, questionário 05, Janeiro 2014)

Outra experiência de socialização vivenciada por eles está registrada no diário de campo. Em uma conversa informal, duas jovens negras, de vinte e vinte um anos, relataram suas experiências sobre o trabalhar fora da comunidade.

- É longe, eu volto pra casa almoçar e já está na hora de voltar a trabalhar, mas não tem outro jeito. Eu já morei em outra cidade, mas era mais difícil por que era tudo muito diferente daqui. (Michele, diário de campo⁴, setembro 2013)

- Eu saio cedo e volto à noite, mas o pessoal lá da firma sabe que eu moro aqui e eles falam que é longe. Antes perguntavam como era aqui, mas agora acostumaram. (Sandra, diário de campo, setembro 2013)

Esses relatos nos fazem entender que as experiências vivenciadas nos ambientes profissionais externos à comunidade são compostas por relações de curiosidades por parte do outro e por indagações constantes, desde a questão da distância até sobre o modo de vida na comunidade, uma curiosidade que se acaba a partir do momento em que o contato com os jovens passa a ser mais frequente, a ponto de observar que o diferente nem sempre é o exótico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após meses de contato com os sujeitos desta pesquisa, leituras, aplicação de questionários, sessão de diálogo, conversas e anotações de informações no diário de campo é que nos propusemos a responder as perguntas de pesquisa que colocamos na introdução deste artigo.

No que se refere primeira pergunta. *Como é vista pelo jovens a questão da Identidade negra, ou identidade quilombola?* Concluímos que a identidade negra é o que predomina, pois o histórico da comunidade a coloca como uma comunidade **remanescente** quilombola. E isso se repercute não apenas no ato de autodeclaração racial, mas ainda nas vivências destes sujeitos. Eles não se identificam como remanescente quilombola enquanto questão histórica, mas enquanto situação social e atual, como jovens negros, pele preta e identidades negras.

⁴ Essas frases foram registradas no diário de campo do projeto, após breves relatos sobre o cotidiano de jovens que trabalham fora da comunidade.

A questão: *Os jovens negros da Comunidade Sutil querem ou não deixar a comunidade?* Concluímos que há uma preocupação em ter uma profissão e que 35,7 % dos entrevistados têm o interesse em deixar a comunidade. Tal desejo se fez presente nas idades mais avançadas, o que pode ter relação com a questão da percepção de maiores oportunidades profissionais em ambientes externos, pois dos 35,7 % que querem deixar a colônia, todos optaram por profissões que se destacam em ambientes urbanos (cientista, bombeiro, vigilante sanitário, médico e engenheiro). Análise construída em uma perspectiva do capital.

Já do ponto de vista social, podemos dizer que a comunidade é um local longe e a distância de certa forma limita os jovens a frequentarem eventos do cotidiano urbano e isso potencializa suas diferenças.

Talvez a questão histórica, racial e de espacialidade também sejam elementos que contribuam para tal evasão, pois os sujeitos desta pesquisa moram em um lugar com estruturas básicas precárias, que tem uma ligação direta com o pior período da história dos negros no Brasil e que é quase anônimo no município em que está situado.

E, por fim, a resposta da última questão: *Qual é a situação destes jovens nos ambientes externos a sua comunidade?* O fato de ser negro em Ponta Grossa já é complicado, devido à propagação de uma ideologia que exalta a herança europeia forjada na região.

Podemos dizer que o conhecimento sobre essa comunidade é ainda limitado e que o retraimento de alguns moradores ao dar informações, entrevistas e depoimentos, se justifica devido aos processos históricos violentos que estes acompanharam.

Antes de concluir é preciso elencar que o projeto “Voz Ativa” desenvolvia atividades como oficina de autorretrato e a construção de biografias dos participantes, analisando como os eles viam a suas identidades étnicas e raciais. No desenrolar das atividades percebemos que a forma em que os jovens se viam e se retratavam era sempre acompanhada de estigmas vinculados a um dos elementos da tripla discriminação que sofrem – negro, pobre e rural – e talvez a busca por uma “novo” espaço fornecesse a eles um direito a normalidade (Santos, 2010), pois o fato de ser negro, remanescente quilombola e morador de uma comunidade rural, tem vários desdobramentos que os colocam em uma situação que não responde aos padrões sociais atuais.

Assim podemos concluir que os jovens analisados se viam como jovens, negros, moradores de uma comunidade rural, com uma herança quilombola, mas por questões

históricas e as relações com tal grupo são socialmente construídas. Em pesquisa desenvolvida por Freire (2012), em contexto similar, a autora demonstra que “[...] pautar a identidade de *jovem quilombola* é uma construção social, histórica e cultural que deve ser entendida à luz de suas condições e possibilidades.” (FREIRE, 2012, p. 162).

Percebemos ainda que conforme fomos desenvolvendo atividades com o grupo de jovens, os mesmos apresentaram uma autoestima diferente do que inicialmente fora percebida. Uma vez dada à oportunidade para que os mesmos percebessem suas qualidades, o desejo de pertencer a um espaço comum, se manifestou fortemente.

O projeto “Voz Ativa” conseguiu propor junto com os protagonistas deste artigo uma outra visão acerca do ser jovem e quilombola. Em pesquisa recente desenvolvida por Camargo e Ferreira (2014), pode se observar que os alunos quilombolas no contexto de sala de aula, mesmo que com as poucas oportunidades, criam mecanismos de resistência e de afirmação de identidade.

REFERÊNCIAS

BENTO, Maria Aparecida Silva. BEGHIN, Nathalie. Políticas Sociais- acompanhamento e análises. **Juventude negra e exclusão radical**. IPEA. Brasília, 2005.

CAMARGO, Mábia; FERREIRA, Aparecida de Jesus. Identidades Quilombolas no convívio de Sala de Aula: Negociando Identidades nas Aulas de Língua Inglesa. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus; JOVINO, Ione da Silva, SALEH, Pascoalina Bailon de Oliveira (Org.). **Um olhar interdisciplinar acerca de identidades sociais de raça, de gênero e sexualidade**. Campinas: Pontes, 2014. p. 175-200.

DAYRELL, J; GOMES, N.L. Juventude, práticas culturais e identidade negra. **Palmares em Ação**, Brasília, DF, n. 2, 2002. p. 18-23.

DAYRELL, J.T.; GOMES, N.L. Formação de agentes culturais juvenis. In: ENCONTRO DE EXTENSÃO DA UFMG, 6, 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: PROEX; UFMG, 2003. p. 1-4.

DIAS, Fernanda Vasconcelos; REZENDE, Daniele Leandro. Ensino Médio em diálogo. (Relatório Final). Brasil. Ministério da educação. 2010. p. 42-48.

FERREIRA, Luiz Felipe. Iluminando o Lugar: três abordagens (Relph, Buttimer e Harvey). **Boletim Goiano de Geografia**. Goiânia, jan/julho, v. 22, n.01, 2002. p. 43-72.

FREIRE, Maíra Samara de Lima. *É a luta da gente!:* juventude e etnicidade na comunidade Quilombola de capoeiras (RN). 2012, (171 f.) . Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal.

GATTI, Bernadete A. **Educação e Pesquisa.** Estudos quantitativos em educação. São Paulo, v.30, n.1, p. 11-30, jan./abr, 2004.

GOMES, Nilma Lino. Juventude, Práticas Culturais E Negritude: O Desafio De Viver Múltiplas Identidades. In: 27 A. REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 2004, Caxambu. **Anais.** Rio de Janeiro: ANPED, 2004. p. 319-319.

GOMES, Nilma Lino. Radar Social. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil:** uma breve discussão. IPEA. Brasília, 2005.

HARTUNG, Mirian Furtado. **Muito além do céu:** escravidão e estratégias de liberdade no Paraná do século XIX. Disponível em: <http://revistatopoi.org/numeros_anteriores/Topoi%2010/topoiu10a5.pdf>. Acesso em: 18/09/ 2017.

HALL, Stuart Estudos culturais e seu legado teórico. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. (Org.) Liv Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente com data de referência 1º de julho de 2017.

LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. **Etnográfica**, v. 4, n. 2, 2000. p. 333-354.

MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisas:** planejamento e execução de pesquisa, amostragem e técnicas de pesquisa, elaboração, análise, e interpretação de dados. 2ª,ed. – São Paulo: Atlas, 1990.

PERALVA, Angelina,. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, ANPEd, no 5/6, 1997.

RASKE, Karla Leandro. **Culturas em diáspora: sonoridades, enredos e performances em territórios negros de Florianópolis/SC (1920-1950).** Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1438783978_ARQUIVO_Texto_Final_Anpuh_Karla_2015.pdf Acesso em 19/09/2017

SANTOS, Cláudia. **A Princesa e o Sapo – Um Conto de Fadas sobre Comunicação, Educação e Racismo.** Racismo, comunicação e educação. Palestra. Geledés. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-princesa-e-o-sapo-um-conto-de-fadas-sobre-comunicacao-educacao-e-racismo/> Acesso em: 23/08/2017

SANTOS, Luis Marcelo. WALDEMANN, Isolde Maria. **A saga do Veterano.** Um pouco dos cem anos (1905-2005) em que o Clube Democrata marcou Ponta Grossa e os Campos Gerais. Ponta Grossa: Editora Gráfica Planeta LTDA, 2006.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. 4ªed. São Paulo: Edusp, 2003.

SAHR. Cicilian Luiza Loüen. TOMASI, Tomasi. **Espacialidades e interações sociais:** A agência de redes na “Festa do Padroeiro Bom Jesus” Da comunidade Quilombola de Santa Cruz. Ponta Grossa: UEPG, 2012.